

RESISTÊNCIA FEMININA AO COLONIALISMO AFRICANO EM “A ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO” DE LUANDINO VIEIRA¹

Maria do Socorro da SILVA²

Licenciada em Letras – Português

IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Este trabalho tem por objeto de análise a simbologia da construção da resistência feminina frente à sociedade no contexto da cultura africana colonial. A ênfase terá como base o *corpus* “A Estória da Galinha e do Ovo”, uma das três narrativas da obra *Luuanda* (2006), de José Luandino Vieira. Para tanto, valemo-nos da crítica dos Estudos Culturais, numa perspectiva sociológica, em particular a partir de estudos teóricos sobre capitalismo pelo viés de Catani (1995). Será abordado o papel da figura feminina no que diz respeito ao seu posicionamento político-histórico, considerando-se que, na ficção, a arte tem como suporte a verossimilhança.

Palavras-chave: Resistência feminina. Estudos Culturais. Literatura angolana.

Introdução

Numa perspectiva sócio-marxista das teorias capitalistas, a presente análise não terá como foco os meios de produção, e sim as formas historicamente específicas de interdependência, que é constituída por dominação de classes, que caracterizam o Capitalismo. Segundo Bonnici (2005, p. 13), para os marxistas, classe é o relacionamento material do modo de produção dominante, e todas as formas de opressão (racial, sexual, de classe, de gênero) têm causas e efeitos materiais e são construídas pelas compulsões do sistema.

A escolha temática fundamenta-se na importância de entender o processo evolutivo de uma literatura culturalmente mascarada num contexto capitalista em oposição ao sentimento de identidade nacional focada na sociedade afro-angolana. Já como metodologia de análise, foi realizado um levantamento das correntes críticas do

¹ Trabalho resultante de monografia apresentada à disciplina de Literatura Portuguesa VII, do curso de Letras do IFSP/SP, ministrada pelo Prof. Me. Charles Borges Casemiro e pela Profa. Dra. Kelly Mendes Lima, em 2017. Agradecimento especial à docente de Literaturas Africanas Kelly Mendes Lima pelas sugestões de leitura da área.

² Endereço eletrônico: meireandy@hotmail.com

marxismo-leninismo que, segundo Catani (1995), desenvolveram as teorias do capitalismo nas vertentes tanto histórica quanto cultural.

Estudos Culturais

Os estudos culturais têm exercido grande influência nos trabalhos acadêmicos no que concerne aos estudos literários. A formação de uma literatura depende de produções, constituída a partir de suas estruturas. A cultura de um país em primeira instância está impregnada de alguns fatores como economia, religião, moral e os costumes aos quais estão engajadas. No pós-guerra, o desenvolvimento da História Social, focada na cultura popular, especificamente na ideologia política marxista nas décadas de 1940/50, foi fundamental no século XX. Nesse sentido, podem-se ler as literaturas africanas de língua portuguesa, que englobam, por um lado, o processo da construção colonial no quadro dos movimentos de resistência e de luta pela libertação política de seus países e pela formação de uma cultura própria, e por outro, os procedimentos subsequentes relacionados às suas independências.

No caso de Angola, o movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) – além de outros movimentos anticoloniais, dentre eles UNITA e FNLA –, lutou contra os portugueses. É nessa fase que Portugal estabelece políticas de ocupação daquele país, atendendo à Conferência de Berlim (1885) e ao *ultimatum* inglês (1890). Conforme Abdala Júnior e Paschoalin (1985, p.186), mesmo com a República recém-implantada (1910), os portugueses continuavam a sonhar com a África, assim como o fizeram com o Brasil, como manutenção da colonização alicerçada num regime posteriormente salazarista como estratégia de dominação. Com a expansão portuguesa, as colônias passaram a ser chamadas de “Províncias Ultramarinas”. Em 1954, os colonialistas dividiram a população angolana entre “civilizados” e “não-civilizados”.

Os lusitanos, ao chegarem à África em 1482, fundaram São Paulo de Assunção de Luanda, a primeira povoação portuguesa, em 1576, hoje Luanda, capital de Angola.

Os cinco países africanos de colonização portuguesa (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde) o foram desde o século XV até por volta do ano de 1975, época em que conquistaram sua independência política. Segundo os autores Abdala Júnior e Paschoalin (1985, p.196), isso não mudou muito no sentido da exploração da metrópole, que visava desorganizar, se possível eliminar, a cultura própria do país, considerada inferior, e impor a do colonizador que passaria a ser agente da civilização.

Capitalismo

Retomando Bonnici (2005, p.13), “toda forma de opressão têm causas e efeitos materiais e são construídas pelas compulsões do capitalismo”. Para Catani (1995, p. 1-57), capitalismo é uma organização socioeconômica baseada na sociedade privada coletiva dos meios de produção. Marxismo é, nessa ótica, uma metodologia de análise socioeconômica sobre as relações de classes e conflito social que utiliza uma interpretação materialista do desenvolvimento histórico e uma visão dialética de transformação social.

Segundo Catani (1995), duas correntes buscam explicar o capitalismo; a primeira, baseada na cultura, desenvolvida por Weber (1864-1820), procura elucidar o capitalismo por meio de fatores externo à economia e tem como foco a valoração do trabalho e a busca pela salvação individual em oposição à concepção medieval católica que considerava fundamental o desprendimento dos bens materiais. A segunda corrente, histórica, enfatiza que os princípios intelectuais do marxismo foram inspirados por dois filósofos alemães, o próprio Karl Marx e Friedrich Engels, e procura ilustrar o modo de produção baseado na força de trabalho como mercadoria. Como dito anteriormente, nosso foco será fundamentado na corrente histórico-marxista, especificamente na interdependência constituída por dominação de classes caracterizada pelo capitalismo no *corpus* de análise de Luandino Vieira.

Autoria

Escritoras como Amma Darko, Flora Nwapa, Buchi Emecheta, Mariama Bâ, Fatou Diome, Bessie Head, Tsitsi Danaremba, entre outras, fazem de sua obra uma bandeira pela integração do feminino na sociedade africana, radicalmente patriarcal e machista, bem como nas decisões econômicas e na vivência cultural. Na literatura atual sobressaem nomes não somente femininos, mas também masculinos, como os de Mia Couto, José Eduardo Agualusa e José Luandino Vieira. Este, português de nascimento, criado nos encanecidos musseques de Luanda, partícipe do MPLA e de atividades político-literárias, remete a fatos culturais da realidade angolana por meio de sua prosa, situando-a no quadro da luta pela libertação nacional, e exerce papel fundamental na denúncia da opressão econômica que busca contribuir para a reconstrução da cultura de um povo historicamente discriminado. Na ótica literária dos contos luandinos, um dos temas priorizados é a identidade nacionalista.

Análise discursiva do conto “A estória da galinha e do ovo”

A narrativa d’“A Estória da Galinha e do Ovo” evidencia uma dualidade verossímil na disputa pelo poder do produto metafórico o “ovo” da galinha Cabiri por meio das personagens Nga Zefa e Nga Bina; transmite uma perspectiva utópica da realidade idealizada num momento histórico revolucionário de luta pela conquista da liberdade, que marca a consolidação do processo de resistência popular em oposição ao poder colonial. Luanda é representada por um grupo de mulheres dos musseques, que, ao discutirem sobre a posse do ovo, enfatizam, ainda que sem a intenção, o marxismo capitalista e a desigualdade social. A mercadoria (ovo) como produto representa objeto de necessidade do homem com valor de uso para sua sobrevivência. A disputa gera um problema: a quem pertence o lucro representado pelo ovo da Cabiri? À Nga Zefa, que é dona da galinha, ou à Nga Bina, que por meio de persuasão e milho a alimenta?

Nos escritos luandinos, além da denúncia social, a valorização do idoso é um dos fatores predominantes, pois são eles que possuem o dom e a tarefa de transmitir os conhecimentos recebidos aos mais novos da comunidade, segundo Martin (2007). Laura Padilha afirma que “são os velhos, nessa forma de organização de mundo, aqueles que estão mais próximos dos ancestrais, sua palavra permanece tendo peso que os grupos sempre lhe conferiam” (PADILHA *apud* LEITE, 2016).

Assim, os conflitos são apaziguados pela experiência e sabedoria de D. Bebeca, que busca legitimar um provável proprietário do produto por meio da opinião coletiva – “Então, vovó?!... Fala então, a senhora é que é nossa mais velha... Toda a gente calada, os olhos parados na cara cheia de riscos e sabedoria da senhora” (VIEIRA, 2006, p. 86). Na estória, claramente política, vários personagens foram questionados pela vovó Bebeca, mas todos visavam benefício próprio. No entanto, o “homem branco”, como representante opressor, é enfim desestruturado, prevalecendo a opinião feminina pelas atitudes solidárias e sabedoria dos mais velhos em oposição à marginalidade opressiva.

A valoração da oralidade transmitida por D. Bebeca denota a importância da resistência feminina em oposição à opressão engajada na diferença de classe e posições políticas. Nesse sentido, também pode ser lido o trecho “A barriga redonda e rija de Nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande...” (VIEIRA, 2006, p. 121). A gravidez de Nga Bina metaforizada como ovo, na ótica marxista, é produto necessário à sobrevivência do homem e, na função simbolizante do imaginário, revela ser força anímica regeneradora que anuncia um novo ser que está por vir que, por sua vez, iniciará uma nova geração revolucionária para o povo angolano. A prisão da Cabiri embaixo do cesto como forma de coação pode-se relacionar ao regime totalitário, e a figura do autor como preso político explicaria a relação de ficção e realidade histórica. O voo da galinha representaria sua liberdade.

Comentários finais

N’a Estória da Galinha e do Ovo, a resistência feminina, representada pelas personagens D. Bebeca, Nga Bina e Nga Zefa, sob a avaliação marxista de dominação colonial submissa desde os primórdios, explicita o equivocado estereótipo da fragilidade e submissão do gênero, em especial por meio da figura da vovó Bebeca como representante do seu grupo social, que contribui para as grandes transformações culturais. “Vovó Bebeca sorriu, segurando o ovo na mão dela, seca e cheia de riscos dos anos, o entregou para Bina”, (Vieira, 2006, p. 121). A figura da anciã marca o posicionamento do idoso – e mais ainda da idosa – no processo de emancipação afro-angolano, pois lhe cabe a resolução arguta dos problemas na família e na comunidade.

Na narrativa, o papel feminino sofre alteração em relação aos estereótipos de submissão: os personagens femininos atuam na transmissão de conhecimentos por meio da ancestralidade e da solidariedade humana, representada pelo gesto da vovó Bebeca. Assiste-se à inversão dos papéis de objeto a sujeito de ação, superando o apagamento da figura feminina e intensificando a resistência do colonizado. O poder questionado sobre a quem pertence o produto metaforizado como ovo da Cabiri enfatiza o posicionamento colonial marxista capitalista do colonizador português ante o produto dos países africanos. A quem deveriam pertencer suas riquezas? Em Luandino Vieira, a resposta está posta.

Referências

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. *História social da literatura portuguesa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.). **Teoria Literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2005.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEITE, Denize A. Os idosos na obra *Luuanda* de Luandino Vieira. Disponível em <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/347-os-idosos-na-obra-luuanda-de-luandino-vieira.html>. Acesso em out. 2016.

MARTIN, Vima Lia. Luandino Vieira: engajamento e utopia. **Zunai**: revista de poesia e debate, v. 3, n. 12, maio 2007.

VIEIRA, J. L. Estória da Galinha e do Ovo. In: **Luuanda**. São Paulo: Ática, 2006. p. 81-101.

FEMININE RESISTANCE TO AFRICAN COLONIALISM IN THE TALE OF THE HEN AND THE EGG BY JOSÉ LUANDINO

ABSTRACT

This paper analyzes the symbolism which represents the construction of feminine resistance to capitalist society in the context of Colonial African Culture. The emphasis will be on the corpus "The Tale of the Hen and the Egg", one of the three narratives of Luuanda, by José Luandino Vieira based on the review of the Cultural Studies in a sociological perspective based on Catani's theoretical studies on capitalism; this work will address the role of the female

character regarding their political-historical positioning, considering that in art has verisimilitude as its support.

Keywords: Female resistance. Cultural Studies. Angolan literature.

Envio: janeiro/2018
Aceito para publicação: março/2018

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 3, n. 3, jun. 2018